

"Há 49 anos, a cidade "entrou na luta". Hoje, só alguns teimam em manter a chama.

Campinas está esquecendo a Revolução de 32

Bráulio Mendes Nogueira — articulista do CORREIO — foi destacado para guardar a Cadeia. Recebeu um fuzil, mas sem nenhuma munição. "Ainda bem — conta ele — porque eu não sabia atirar". Julio Mariano — na época, repórter político do CORREIO — deparou com uma coluna de soldados em plena Barão de Jaguara, empurrando uns canhões, em direção à Ponte Preta. Diziam que iriam para Jundiá, participar do combate da Serra dos Cristais. No dia seguinte, pela manhã, encontrou, na verdade, um monte de fuzis e uniformes abandonados pela coluna.

Já o padre Abreu viveu cenas de pânico, como, por exemplo, a morte de um amigo de Americana. Coube ao padre retirar a baioneta do corpo do rapaz. Rehoel Malta, servindo na Cavalaria sob as ordens do general Euclides Figueiredo (pai do presidente João Figueiredo) teve seu "batismo de fogo" na Serra da Mantiqueira — quando uma rajada de metralhadora despedaçou o corpo de seu companheiro, um voluntário.

Nesta reportagem, o CORREIO POPULAR junta quatro depoimentos de pessoas que viveram a Revolução Constitucionalista de 32 — um movimento que marcou decisivamente os paulistas, na sua luta contra a Ditadura. Porém numa rápida enquete, o repórter Antonio Roberto Fava chega a uma triste realidade: quase ninguém, em Campinas, sabe o real significado da batalha de 1932. As respostas são evasivas, e percebe-se que o culto à memória dos que tombaram e lutaram contra a Ditadura está restrito ao passado.

São Paulo queria a Constituição; Getúlio Vargas queria a ditadura

Nove de julho de 1932. O dia amanheceu sereno, em Campinas. O céu estava azul, e o sol, bastante quente, espalhava-se pela cidade. O povo entregava-se às atividades rotineiras do dia-a-dia, despreocupado. Mas alguma coisa nada agradável pairava no ar. No dia anterior, a população já se mostrava apreensiva e foram se formando grupos nos bares, nas esquinas, e, principalmente, nos jardins, como por exemplo no Largo do Rosário, onde se reunia maior número de pessoas. Discutiam, basicamente, sobre a situação política do Estado de São Paulo, na época, que vivia sob forte pressão do regime ditatorial implantado pela revolução de 1930. Naquele tempo o interventor de São Paulo era o civil Pedro de Toledo.

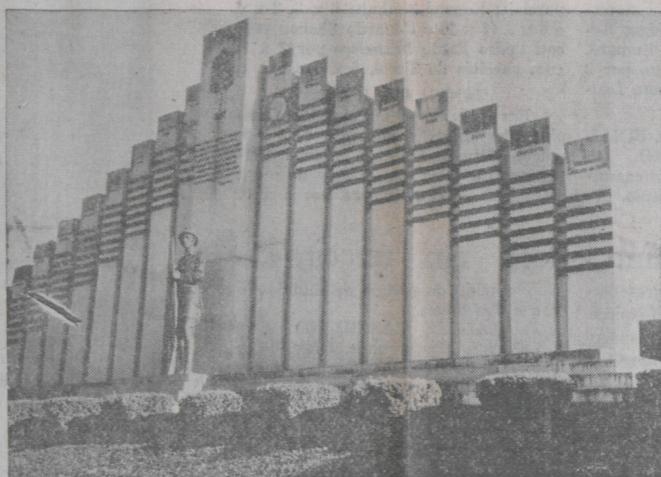
alvo de todas as humilhações. Mas o verdadeiro motivo que provocou a eclosão do movimento revolucionário no dia 9 de julho de 1932 foi a violência cometida pela polícia, na Praça da República, em São Paulo, durante uma manifestação liderada por estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Quando os estudantes desfilavam pelas ruas centrais da cidade, protestando contra a ditadura, apareceu a polícia utilizando armas de fogo para dispersar o povo. Nesse dia morreram quatro jovens que ficaram na história do País: Miragaia, Martins, Drausio e Camargo.

SAO PAULO SOZINHO

Ao deflagrar o movimento constitucionalista, o Estado de São Paulo esperava encontrar o apoio de guarnições militares de outros Estados; mas isso não aconteceu. De Mato Grosso vieram apenas o general Bertholdo Klingler e parte de seu Estado Maior e alguns soldados. Do Rio Grande do Sul chegaram alguns políticos, como João Neves da Fontoura, por exemplo, mas não aconteceu o apoio militar esperado. Nos demais Estados a repercussão foi mínima. De acordo com ex-combatentes, São Paulo ficou praticamente sozinho. E sozinho teve que sustentar a luta desigual contra as forças da ditadura. Lutou durante algum tempo, mas, diante da superioridade militar do inimigo, não teve outra alternativa senão render-se. O que ocorreu no final de setembro de 1932. Mas para alguns ex-combatentes, o esforço dos paulistas não foi em vão. Em 1934, Getúlio Vargas assinava a Constituição, que permaneceu até 1937, quando foi implantado o Estado Novo. E começava, então, uma nova fase na vida nacional.

Com o passar do tempo as dúvidas, o medo e a preocupação foram tomando conta da população. Os acontecimentos da noite anterior, em São Paulo, continuavam sendo ignorados pela imprensa local e pelas próprias autoridades municipais. Principalmente pelo fato das linhas telefônicas terem sido cortadas, e isso dificultava a comunicação. A preocupação e o medo aumentavam. A noite de 8 de julho começava a ficar cada vez mais densa, em virtude da divulgação desencontrada de notícias, que tinham por base a situação de Mato Grosso. O movimento de tropas e o impedimento dos quartéis em Campinas também provocaram boatos falsos alarmantes. Mas uma coisa era certa: havia eclodido uma revolução, cujo objetivo era derrubar o governo provisório da República — como noticiavam os jornais da época — e implantar no Brasil o regime de Lei, com uma nova Constituição.

Segundo ex-combatentes, que participaram ativamente do movimento, o Estado de São Paulo já não suportava mais as pressões da ditadura getuliana, principalmente contra São Paulo,



Monumento ao Voluntário de 32, uma das poucas marcas do 9 de Julho.

Na rápida pesquisa, a constatação:

o 9 de Julho está sendo esquecido

A Revolução de 32, assim como suas causas e objetivos é, praticamente, um assunto totalmente desconhecido pela maior parte da população de Campinas. Principalmente com relação aos jovens, que demonstraram total falta de interesse.

De 30 pessoas entrevistadas, ontem pelo CORREIO, apenas três têm conhecimento do que foi a Revolução de 32. A maioria, principalmente os estudantes afirma que não tem nenhum conhecimento sobre a matéria. Outros chegam a dizer que "nunca ouvi falar nisso".

TEREZA ZANETONI PRADO, 21 ANOS FOTOGRAFA — "Nunca ouvi falar nada sobre isso, muito menos as causas. Sei de alguma coisa sobre 64 (mas não sabe dizer se foi um movimento ou revolução). Na escola nunca ninguém me falou nada a respeito, nunca ninguém, nenhum professor ensinou alguma coisa sobre isso. Revolução? Ah, é quando o povo e militares, não estando contentes com a situação do país, fazem revolução. Nunca li nada sobre o que vem a ser revolução".

MARILU FERRAZ, 23 ANOS, ESTUDANTE — "Não me lembro de nada sobre o assunto. Nunca me fez falta saber ou não a respeito, pois estudo Artes Plásticas e o professor de história não ensina sobre o que é revolução. Defino como revolução aquilo que o povo quer e não consegue por meios óbvios. Eu nunca li alguma coisa que falasse sobre revolução, também. nunca me inter-

ressei em saber. Por outro lado, acho também que é uma falha das escolas não ter matéria sobre um assunto como esse".

ARMANDO SOARES — PRESIDENTE DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS — "Eu era muito pequenininho naquela época. Sei muito pouca coisa a respeito. Sei que houve muita briga entre Estados. Não houve derramamento de sangue, porque o governo dominou a situação da época. Não me lembro quem era o governo da época. Para mim essa revolução não existiu. Quanto a de 64, que não chegou a ser revolução, por que não houve derramamento de sangue, sei apenas que foi uma passeata de homens de paletó e gravata".

MONICA TONAM, 19 ANOS, ESTUDANTE — "De 32 não posso falar nada. Não se estuda isso no colégio. Talvez seja uma falha minha não ter procurado ler alguma coisa a respeito. O fato é que essa revolução não tem nada escrito sobre ela, e, pior que isso é que nem nas escolas os professores falam sobre ela, seus objetivos, sua finalidade".

ELIAZIB ROSCITO, PRESIDENTE DO SINDICATO DOS MOTORISTAS DE TAXIS — "Eu não havia nascido. Sei apenas o que estudei no ginásio. Você me pegou desprevenido. O assunto é muito antigo, ficou no esquecimento, mas creio que alguns reflexos permanecem até hoje. Ora, não sei quais são esses reflexos. Uma das consequências foi a morte do presidente Vargas".

Com os "Vermelhinhos", houve prenúncio de debandada geral

BRAULIO MENDES NOGUEIRA — jornalista — «Ninguém resistia à atmosfera de vibração e até fanatismo que se formara em São Paulo durante a revolução de 32. Alistei-me juntamente com o meu amigo Cesar Augusto Vilela. Fomos designados para a guarda de um prédio situado na antiga cadeia, já demolida, da Vila Industrial, onde se encontravam presos vários soldados da ditadura. Foi para lá sem nenhum preparo militar, como a quase totalidade dos voluntários. Deram-me um fuzil sem munição, o que foi muito bom porque eu nem sabia manusear aquilo.

Eu e o Cesar não gostamos do ambiente e tratamos de nossa remoção, o que conseguimos depois; fomos tomar conta do almoxarifado existente num velho depósito situado na avenida Andrade Neves, onde permanecemos alguns dias. Até que fomos parar no Quartel General que funcionava no antigo Campinas Hotel, em frente à estação da Companhia Paulista.

A situação melhorou muito. Bola recortada num restaurante da esquina, no Grigoletti. Ficávamos de guarda e sentinela na entrada do hotel e nos corredores, assistindo aquela movimentação toda, aquele entra-e-sai de oficiais. Acreditávamos que a situação estava boa para nós, paulistas, e já antegostávamos a oportunidade de desfilarmos flores e aplausos, pela avenida Rio Branco, como soldados vitoriosos do Exército Constitucionalista.

Mas a coisa foi mudando quando começaram as bombas atiradas pelos vermelhinhos — os aviões de Getúlio —. O alvo era precisamente a Estação Ferroviária e o próprio quartel general, onde me encontrava.

O movimento aumentou e percebi pela fisionomia, gestos e palavras ouvidas pelos corredores, que a situação não era aquilo que eu pensava e como diziam os jornais.

Falava-se muito na Coluna Romão Gomes, que ia salvar São Paulo, arrasando com as tropas ditatoriais que já se aproximavam do Estado. Eu — ingênuo que era — acreditava na vitória, não percebendo que toda aquela algazarra era o prenúncio de uma debandada geral. Como de fato aconteceu, quando já se ouvia o barulho dos canhões nos arredores de Campinas. Um verdadeiro salva-se-quem-puder. Foi uma noite de tremenda agitação. Ninguém entendia ninguém e, como todo o pessoal, também deixei o Campinas Hotel, que ficou às moscas, numa bagunça total.

CHURRASCO DE MACACO

São Paulo estava derrotado. Desolação geral em toda a cidade, boatos e mais boatos sobre a chegada das tropas vitoriosas, que vinham sedentas de sangue e sequiosas de vingança. Horas de pavor.

Entre as tropas regulares, vieram jagunços nordestinos, de cabelos compridos e fisionomia estranha. Dizem que esses jagunços foram parar no Bosque dos Jequi-



Bráulio serviu de guarda na cadeia.

tibás onde transformaram macacos, porcos-do-mato em churrasquinho. O ambiente estava carregado, mas a oficialidade do Exército agiu com tato e nada de grave aconteceu, contrariando as previsões pessimistas daqueles que diziam que Campinas ia ser arrasada, armazéns saqueados e os paulistas levando surra nas ruas, as moças, ah! as moças...

As autoridades sumiram da cidade. Foi nomeado prefeito um engenheiro da Mojana, Cerqueira Lima, que ficou marcado para sempre porque, na calada da noite, mandou derrubar as árvores do Largo do Rosário.

Aos poucos a vida foi retornando ao normal, persistindo, porém, o ressentimento dos paulistas, com o brío ofendido pela derrota, que muitos atribuíam ao coronel Herculano, comandante da Força Pública. Ora, ele, como soldado, viu que a revolução estava perdida. O que adiantava continuar lutando, com perdas de mais vidas, quando São Paulo estava praticamente sozinho, brigando com o resto do Brasil? Mas ninguém queria saber disso. Era necessário encontrar um culpado. Fosse quem fosse".

Padre Abreu viu o amigo morrer

O padre Luiz Fernandes de Abreu, que chegou a ser detido duas vezes por motivos políticos, começa dizendo que "a revolução de 30 não se conteve em demitir, prender e exilar Washington Luiz, mas teve, principalmente, a intenção de pisar em São Paulo. O ditador Vargas entregou o comando de São Paulo a um tenente muito moço, João Alberto Lins de Barros, um pernambucano. Uma criança que não soube administrar coisa alguma, principalmente pelos sérios problemas de ordem política existentes na época".

Para o padre, o ponto culminante da revolução de 32 foi a ameaça de demitir Pedro de Toledo, quando São Paulo já estava cansado de suportar humilhações e explodiu na noite de nove de julho, "exigindo a Constituição para o País".

FABRICAS FAZENDO ARMAS

A situação dentro do Estado de São Paulo — de acordo com o padre — alterou-se do dia para a noite. "Tudo foi rapidamente mobilizado, as fábricas passaram a construir todo tipo de material bélico — desde obuses, carros blindados até simples balas de revólveres. São Paulo lutou sozinho de 9 de julho a 2 de outubro". O apoio a São Paulo só veio por parte do ex-presidente Artur Bernardes, e Borges de Medeiros, governador do Rio Grande do Sul.

O monsenhor Luiz Abreu, hoje com 84 anos, tomou parte da conspiração assim que estourou a revolução, cumprindo ordens em Minas, entre as cidades de Socorro e Ouro Fino. Juntamente com um grupo de 200 soldados rumou para Pouso Alegre, onde os mineiros se receberam com tiros de canhão.

"Mas até aí tudo bem — diz ele — embora o medo e a tensão nos apavorassem a todo instante. No dia 18 de julho, quando nos vimos frente a frente com os inimigos, morria um amigo nosso, O Fernão Sales, um jovem entre 26 e 28 anos, e que era daqui de Campinas". Em Pouso Alegre o combate começou às duas horas da tarde e à noite — "no começo da noite" — já havia terminado. Mas o padre e seu grupo foram obrigados a recuar para a fronteira do Estado.

Detido juntamente com 115 colegas voluntários paulistas, o padre Luiz Abreu foi levado à pé, de Amparo até Itaipira, caminhando cerca de 30 quilômetros. Em Itaipira foram embarcados de trem — Sul Mineira — para o Rio de Janeiro, onde chegaram as seis horas da manhã. O padre diz que os voluntários ficaram detidos na Ilha das Flores, enquanto os militares na Ilha Grande. Quanto ao padre, ele ficou preso durante cinco meses na Penitenciária do Rio de Janeiro (não se lembra o nome), na cela número 45. Conta que apanhou bastante até ser entregue às tropas militares. "Aí não apanhei mais" — diz sorrindo.

O monsenhor Luiz Abreu conta que praticamente assistiu a morte de três de seus companheiros: George Jones, Fernando Camargo e Aristeu Valente, todos de Americana. O padre conta que, "quando Aristeu Valente morreu, vítima de um golpe de baioneta, consegui tirá-la de seu corpo, já sem vida, e, quando fui posto em liberdade, entreguei-a à sua família. Hoje ela está no Museu de Americana".



O padre Luiz Abreu hoje é o presidente do MMDC de Campinas.

O depoimento de Mariano: "As moças entregavam aos soldados medalhinhas de Sta. Terezinha"

JULIO MARIANO — jornalista — "Embora os boatos corressem de boca em boca, dia 9 de julho de 1932 desmontei calma, em Campinas. O povo se entregava às atividades costumeiras. Os acontecimentos da noite de véspera, em São Paulo, com as linhas telefônicas cortadas à noite, continuavam sendo ignorados pela imprensa local e pelas próprias autoridades municipais. Foi na edição de 10 de julho que, em manchete na primeira página, estampou o "Correio Popular": — TERIA REBENTADO UM MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO EM SÃO PAULO. Como se vê, ainda persistia a dúvida.



Na época, Julio Mariano era repórter-policial.

No dia 12 de julho, porém, sob o título POR UM BRASIL FORTE E UNIDO, noticiava o "Correio" o seguinte: — "Alistamento de voluntários em Campinas. Instalação da "Casa do Soldado" na Rua Barão de Jaguara, na antiga Casa Mascote, no Largo do Rosário. No dia de ontem, o Tiro de Guerra "178" incorporou-se ao 5.º R.I., aquartelado no alto da Rua José Paulino. Organiza-se em Campinas o Batalhão de Voluntários Paulistas "23 de Maio". Alistamento das classes estudantinas após reunião na sede da Faculdade de Farmácia".

Na cidade, completamente agitada, anunciava-se grande passeata cívica em homenagem ao soldado. No 1.º Grupo Escolar, à Rua Moraes Sales, prosseguia intenso o alistamento de voluntários. No Largo do Rosário, uma grande faixa proclamava em letras garrafais: — QUEM FOR COARDO QUE FIQUE NA ESTRADA, QUE A VANGUARDA E O LUGAR DOS HERÓIS!"

MEDALHINHAS DE STA. TEREZINHA

"Com baionetas brilhando pelo sol da tarde, marchando sob uma chuva de flores atiradas por 2.000 femininas, mais de 2.000 jovens voluntários desfilaram pelas principais ruas da cidade. Eles se despediam de Campinas e de seu povo para a partida ao "front", que se daria no dia 16 de julho. Grupos de normalistas distribuíam aos soldados medalhinhas de Santa Terezinha. Os moços que não se alistavam eram apurados como covardes. O entusiasmo era delirante e contagiante."

Foi assim que se desenrolou, em Campinas, o capítulo inicial da grande epopéia bandeirante, descrito pelo Correio.

O MELANCÓLICO FIM

Não vamos rememorar aqui toda a história da Revolução Paulista de 32, que embora o sacrifício heróico de muitos milhares de jovens teria o seu desfecho com a derrota de São Paulo democrático e Diurnos, não só, do que presenciávamos aqui na cidade de seu trágico fim.

Em meados de setembro de 1932 bem pouca era a ilusão de que sairíamos triunfantes

da jornada revolucionária. O "Correio Popular", então dirigido pelo brilhante advogado e jornalista Aristides Lemos, tentava em exaltar São Paulo e atacar o governo getulista. Dois ou três dias por semana, Campinas era sobrevoada por aviões ditatoriais que aqui lançavam umas quantas bombas, uma delas vitimando o garoto Aldo Chiorato. Tropas governistas por fim atingiram terras campineiras, nas proximidades de Joaquim Egídio. O seu comando, iniciando verdadeira guerra de nervos, ordenava então disparos de canhões à tarde e à noite, que ouvidos na cidade, aterrorizaram a população, principalmente os moradores do Taquaral e do mais distante Cambuí. Temendo o massacre, com a invasão da cidade os moradores buscavam refúgio, arrastando crianças, carregando colchões e o que fosse possível de utensílios.

RUMO A PONTE PRETA

A noite de 29 de setembro, ali pelas 22 horas, uma centena de soldados paulistas, táticas sujas e rasgadas, puxando uns quatro canhões, em marcha desordenada pela Rua Barão de Jaguara, seguia rumo à Ponte Preta. Alguns indagando de um dos soldados retirantes sobre que eles pretendiam seguir para Jundiá, onde travariam uma derradeira batalha na Serra dos Cristais. Na verdade, na manhã de 30 de setembro, fuzis e baionetas foram encontrados ao abandono em várias ruas do percurso da tropa retirante...

O incrível, porém, foi a fuga precipitada, nessa mesma noite, de autoridades e policiais. No casarão da Delegacia, à Rua Marechal Deodoro, abandonando tudo, delegados, investigadores nem cuidaram de fechar a porta da rua. No quartel da Guarda Civil à Rua José Paulino, fuzidos do Palácio dos Azeiteiros, o repórter policial do CORREIO, Julio Mariano, foi encontrar os guardas trocandando a farda por roupas de simples paisanos, algumas até apertadas...

O campineiro Rehoel Malta serviu na cavalaria, com o pai do presidente Figueiredo

Rehoel Penteado Malta, outro ex-combatente, tomou parte na revolução de 32 com apenas 18 anos de idade, no 2.º Regimento de Cavalaria Divisionário (RCD), sob o comando do coronel Euclides de Figueiredo, (pai do atual presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo) e Palmírcio de Rezende. O que motivou-o a aderir à revolução foi o fato de servir, na época, no 4.º Esquadrão do 2.º RCD.

"Quando estourou de fato a Revolução, a nossa unidade — como era federal — não aderiu ao movimento, mais precisamente os oficiais. Foi então que chegaram os novos oficiais, prendendo os nossos, levando-os para a Serra da Mantiqueira, onde tomamos parte ativa no movimento" — conta Rehoel.

Segundo suas afirmações o combate mais acirrado ocorreu entre agosto e setembro, no túnel da Serra da Mantiqueira, onde havia um grupo formado por aproximadamente 80 homens. Depois chegaram outras unidades, somando um total de mais ou menos 200 soldados voluntários.

Rehoel Malta, não chegou a ser ferido nesse combate. "Mas lembro-me muito bem de que no primeiro combate na Serra da Mantiqueira, assim que chegamos, quando tomávamos posição de combate, fomos recebidos por violentas rajadas de metralhadoras. Foi aí, então, que perdi um amigo: o Ari Cajado, de aproximadamente 25 anos".

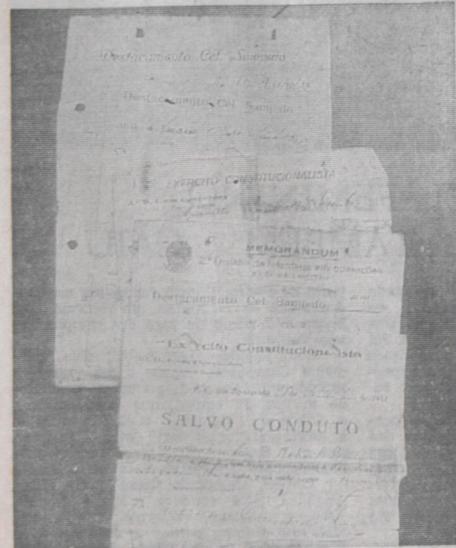
Rehoel conta que Ari Cajado, por um momento, levantou-se à procura de um abrigo melhor e, foi atingido por uma rajada de metralhadora. "Morreu na hora".



O batismo-de-fogo de Rehoel, na Mantiqueira.

O fato tomou conta de todos os componentes de seu Esquadrão. "Todo mundo ficou em pânico, o medo nos aterrorizava. Mas, depois, a gente acabava se acostumando, aceitando a situação. O medo attingia a todos apenas no momento de chegada, quando retornávamos depois do descanso".

A revolução de 32, mais notadamente a participação de luta de São Paulo, "foi uma epopéia, um acontecimento que está se perdendo no tempo", critica Rehoel, acrescentando que "a juventude de hoje não tem o mínimo de conhecimento do que foi realmente aquela revolução, cuja importância na época, cujos reflexos estão, até hoje, relacionados com a atual situação política do Brasil". E isso culpa Rehoel muito magoado — como ele diz: "Não existe mais aquele afeto, aquela intenção patriótica, que a juventude de hoje parece querer esquecer por completo".



Um dos poucos documentos guardados para a História: um salvo-conduto.

Tênis feminino: mais um título



Gabriela Rennebeck e Claudinha Tella

Ontem, pela manhã, as tenistas campeãs Gabriela Rennebeck e Claudinha Tella venceram as representantes de Jundiá por 2 a 0 e conquistaram o título feminino dos Jogos Regionais da Zona Leste em Sumaré. Gabriela venceu Flávia Messino por 2 x 0 e Cláudia Tella bateu Suzete Langela por 2 x 0, 6 x 1 e 6 x 3.

CAMPINAS VENCE E VAI A FINAL EM TÊNIS MASCULINO
Pela categoria "B" o tênis campineiro disputa hoje mais um título, de-

vendo fazê-lo com Piracicaba ou Limeira. Ontem Campinas venceu a Jundiá por 2 x 0, com as seguintes parciais: Edgard Trubulsi 6 x 3, 2 x 6 e 6 x 3 (2 x 1) e Eduardo Chacon venceu Pedro Paulo Francisco por 2 x 1, com parciais de 2 x 6, 6 x 0 e 6 x 1.

TÊNIS DE MESA
Em tênis de mesa feminino Campinas derrotou Piracungua por 5 x 0, e agora disputará a final amanhã, contra Itapira. Também o tênis de mesa masculino venceu Sumaré por 5 x 0.

Xadrez Feminino ficou em terceiro

Depois de derrotar a representação de Rio Claro por 2 x 0, a equipe feminina de xadrez que defendeu Campinas, classificou-se em terceiro lugar. Em 1.º ficou Mogiguaçu com 15 pontos; 2.º Jundiá com 12 pontos.

Houve saldo de pontos na divisão do 2.º e 3.º lugares.

XADREZ MASCULINO
André, Mascarenhas, Gervásio e Manara, que defendem Campinas, nos xadrez masculino, venceram Mogimirim, ontem, por 4 x 0.

Itapira sede dos Jogos Regionais de 82

Na manhã de segunda-feira, em Congresso realizado para a escolha da cidade sede para os XIII Jogos Regionais da Zona Leste, a cidade de Itapira foi escolhida por 9 votos. As demais cidades votadas fo-

ram as seguintes: Atibaia com 6 votos; Rio Claro, com 2 votos; Amparo e São José do Rio Pardo com 1 voto, havendo ainda 6 abstenções. Somando-se aos votos obtidos na cidade de Ribeirão Preto em 4-07-81, Ita-

pira obteve ainda 4 votos e Rio Claro 2, ficando então o resultado final da apuração assim: 1.º — Itapira com 13 votos; 2.º — Atibaia com 6 votos e 3.º — Rio Claro com 4 votos.

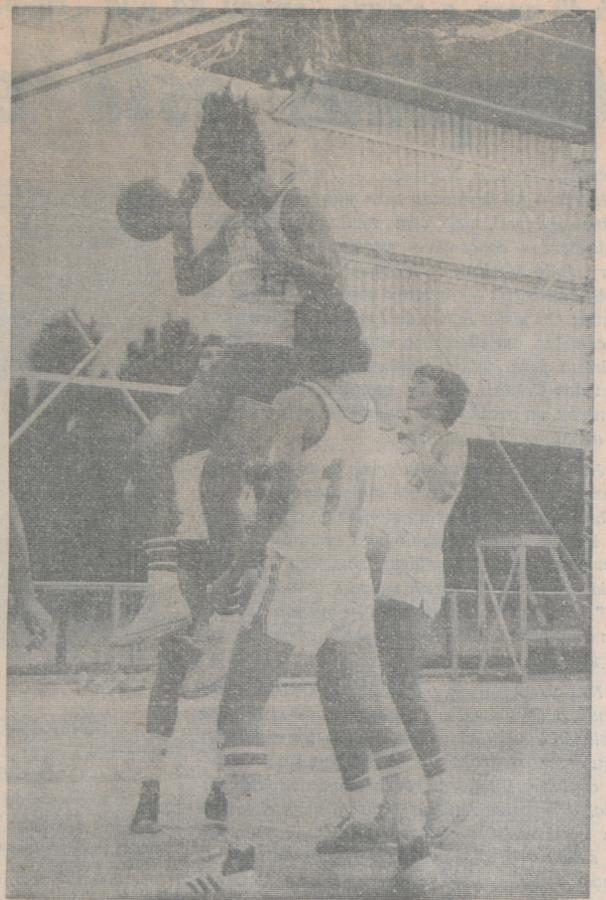
VÔLEI MASCULINO. DOIS A ZERO

O voleibol masculino de Campinas voltou a jogar ontem à tarde nos Jogos Regionais em Sumaré, e mais uma vez não encontrou a mínima dificuldade para vencer, desta vez a cidade de Nova Odessa, que não sabe nada em termos de voleibol.

Após o 4.º ponto, Campinas recuperou a posse de bola. No saque estava o jogador Almir, que só saiu dali quando a partida estava 14/4. Logo depois o marcador era fechado em 15/4 para Campinas. No segundo, Nova Odessa conseguiu rodar apenas uma vez. O jogo estava 10/0, quando Campinas tomou o primeiro ponto. Depois, recuperou novamente a posse de bola e fechou facilmente em 15/1.

O jogo foi realizado na quadra coberta do Centro Esportivo "Vereador José Pereira", teve início às 19,30 horas e terminou 18 minutos mais tarde, tempo gasto para que Campinas vencesse Nova Odessa. No primeiro set, desacomodados em jogar em quadra de cimento, os campineiros tomaram 4 pontos de Nova Odessa, que saiu na frente com 4/2, animando a torcida para uma possível zebra.

Jogaram por Campinas: Anízio, Aldmir, Tuca, Adilson, Marcos, Ricardo, Léléo, Marcio, Ricardo Machado, Mario e Germano Técnico, Sorocaba. Nova Odessa — Sérgio, Sergio Eugênio, Anselmo, João, Ari, Diniz, Cesar, Sergio, José, Paulo e Fábio. Técnico, Carlos Alberto.



Robertão parece que foi "com bola e tudo" para a cesta adversária, assustando os meninos de Casa Branca

BASQUETE SOMA E SEGUE

Ontem foi a vez de Casa Branca conhecer o poderio da representação de basquete de Campinas. Aproveitando para preparar-se

para os jogos finais, venceu os casabranquenses por 89 x 45, com parciais de 46 x 20. Jogaram e marcaram para Campinas: Ro-

bertão 8, João Carlos 18, Márcio Urbano 10, Cadão 9, Nestor 20, Marcelo 9, Zé Mario 5, Baiano 2, Zé Porto 2, Sílvio 6 e Batata.

Itapira sede dos Jogos Regionais de 82

Na manhã de segunda-feira, em Congresso realizado para a escolha da cidade sede para os XIII Jogos Regionais da Zona Leste, a cidade de Itapira foi escolhida por 9 votos. As demais cidades votadas foram as seguintes: Atibaia com 6 votos; Rio Claro, com 2 votos; Amparo e São José do Rio Pardo com 1 voto, havendo ainda 6 abstenções. Somando-se aos votos obtidos na cidade de Ribeirão Preto em 4-07-81, Itapira obteve ainda 4 votos e Rio Claro 2, ficando então o resultado final da apuração assim: 1.º — Itapira com 13 votos; 2.º — Atibaia com 6 votos e 3.º — Rio Claro com 4 votos.

EM NATAÇÃO É A MELHOR DOS REGIONAIS



Rosana no pódio em 1.º e Raquel em 2.º. Foi uma constante nestes JRZL.

A natação de Campinas nos XII Jogos Regionais da Zona Leste, que estão sendo efetuados em Sumaré, firmou o seu conceito de melhor de toda a região de Campinas, ao vencer ontem as competições masculina e feminina, com bastante destaque sobre seus oponentes.

COM RECORDE

O destaque maior ficou para a nadadora do Guarani F.C., Rosana Merino Rodrigues dos Santos que, além de vencer as provas em que participou, bateu o recorde na prova de 200 medley feminino, com o tempo de 2'35"2. Aliás, o recorde anterior era mesmo de Rosana, com o tempo de 2'35"7. Leve-se em consideração que o recorde foi obtido com a água em 13º g.c.

TRABALHO DE EQUIPE

Um fator que foi preponderante no sucesso da natação campineira, que chamou a atenção pela sua superioridade incontestável, foi a união existente entre os técnicos Waldemar Blota (Tênis Clube) e Luiz Roberto Lopes (Círculo Militar), que trabalharam com o mesmo objetivo, muito bem supervisionados por José Pedro Rezende, técnico do Dmefer, que coordenou tudo muito satisfatoriamente, mas encontrando nos dois técnicos um sustentáculo. Os técnicos foram unânimes em afirmar que os nadadores, tanto do setor masculino como feminino, responderam plenamente, e apesar do frio externo e da água fria, souberam lutar com muito entusiasmo, arrancando aplausos do público presente pelas suas bonitas vitórias. Serviu como árbitro de partida das provas de

ontem, o prof. Artur Bellenzani Neto (Tutu), ex-nadador das seleções de Campinas e ex-saltador de saltos ornamentais, que completou a boa organização da competição de natação. A direção geral da competição esteve a cargo do prof. Edson Nardotto, que contou com a colaboração de ótimos auxiliares. A organização geral da competição nestes dois dias, mereceu amplos elogios de nadadores, dirigentes de delegações e do público.

RESULTADOS INDIVIDUAIS

Os campineiros, nas 3.ª e 4.ª etapas, obtiveram as seguintes classificações, onde se pode verificar que em quase todas as provas eles estão ocupando as primeiras posições: TERCEIRA ETAPA — 1.ª prova — 200 metros nado livre, masculino: 1.º — Douglas Fernandes, 2'16"; 3.º — Ricardo Mendes Pereira, 2'19"; — 2.ª prova — 100 metros nado borboleta — feminino: 2.º — Paola B. Russolo, 1'12" e 4.º — Vanessa Teixeira, 1'29". 3.ª prova — 200 medley masculino — 1.º — Cezar Bolzonaro, com 2'32"; 2.º — Maurício C. Ferráz, com 2'35" — dobradinha campineira; 4.ª prova: 1.º — Daniela Migliorini, 10'24"; 5.º — Vanessa Teixeira, 12'10"; 5.ª prova — 100 metros nado costas — masculino — 1.º — Márcio Almeida, 1'10"; 3.º — Ilton Cesar Reis, 1'14. — 6.ª prova — 100 metros nado peito — feminino: 1.º — Rosana Merino Rodrigues dos Santos; 2.º — Raquel Merino Rodrigues dos Santos; — 7.ª prova — 4 x 200 livre, feminino: CAMPINAS, com Roberta, Carla, Daniela e Silvia, campeãs da prova. — 9.ª prova — 100 metros nado costas — feminino: 2.º — Ra-

quel M. R. dos Santos, 1'20"; 4.º — Denise Marques Cavalcanti — 1'22" — 10.ª prova — 200 metros nado clássico — homens: 1.º — Cezar Bolzonaro 2'46" — 3.º — Luis Guilherme Barbosa, 3'00; 11.ª prova — 200 metros nado livre, feminino: 1.º — Paola Russolo, com 2'21"; 2.º — Roberta Justi, com 2'21"2, outra dobradinha. 12.ª prova — 100 metros borboleta, masculino — 1.º — Cláudio Toi com 1'04"8; 2.º — Rogério Patire, com 1'05" primeiro e segundo lugar de Campinas. A 13.ª prova, além de dobradinha deu recorde: 200 metros nado medley feminino: 1.º Rosana M. R. Santos, 2'35"2 (RECORDE) e 2.º — Daniela Migliorini, com 2'51"0. 14.ª prova — 1.500 metros nado livre: 1.º — Flavio Minoru Toi, 19'03; 2.º — Ricardo M. Pereira 19'03"3. Aqui a disputa somente foi entre estes campineiros. 15.ª prova — 4 x 100 — 4 estilos — feminino — 1.º — CAMPINAS — Raquel, Rosana, Paola e Carla — 16.ª prova — 4 x 100 — 4 estilos, masculinos — 1.º — CAMPINAS — Márcio, Cezar, Claudio e Douglas.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

Campinas ficou campeã no masculino e feminino, ganhando mais pontos para sua classificação geral: FEMININO: — 1.º — Campinas, com 279 pontos; 2.º — Limeira, com 130; 3.º — Jundiá, com 80; 4.º — Sumaré, com 63 pontos; 5.º — Americana, com 12 pontos; 6.º — Santa Barbara D'Oeste, com 8. MASCULINO: Campinas, 296 pontos; 2.º — Limeira com 103; 3.º — Sumaré, 97; Jundiá com 45; Piracicaba com 25 e Rio Claro 2 pontos.

FUTEBOL VENCEU SANTA BÁRBARA

Recuperando-se da situação negativa na partida contra Itapira, que foi jogada ontem em Sumaré, a equipe de futebol de Campinas, representada pelos juniores da Ponte Preta, venceu ontem à tarde Santa Bárbara D'Oeste por um gol a zero, em partida válida pelos XII Jogos Regionais da Zona Leste. A partida teve início às 14 horas, e teve um domínio total de ações pela equipe campineira. Em nenhum momento os jogadores de Campinas viram a sua vantagem ameaçada, pois a equipe de Santa Bárbara atacava desordenadamente e sem nenhum plano tático definido.

Depois do jogo, o técnico Milton dos Santos reclamava bastante contra o árbitro, dizendo: "Com uma arbitragem calamitosa, como esta, ninguém pode ganhar jogo. O tempo já é curto (60 minutos) e os juizes ainda complicam, assim não dá". Campinas jogou e venceu com: João; Heitor, Aderval,

Luquinha e Everaldo; Heraldo, Fernando e Vaguinho; Joel, Alfeu e Mauro. Técnico Milton dos Santos. Santa Bárbara: José Luis; Mário, Wilson; Alvaro e Camargo; Adeline, Jorge e Celso; Luis Antônio, Luis Carlos (Carlos) e Edson. Técnico José Cândido de Campos. Arbitragem de Durval Borges; bandeira vermelha, Roberto Perassi e amarela, Newton Falsetti.

"Curso de Navegação" do Tênis Clube

A Empresa «Velamar», de São Paulo e o Tênis Clube de Campinas, realizaram, com amplo sucesso, um «Curso de Navegação» para «Mestre Amador», com a participação de quarenta alunos, dos quais, trinta e oito foram aprovados. As aulas e o exame tiveram por local a Sede do Clube presidido pelo Dr. William Omatí.

Fut-Sal Sossego F.C.

Em partidas realizadas nesta ultima 2.ª feira (29.06) as Equipes A e B do Sossego obtiveram os seguintes resultados.

- SOSSEGO A 3 x 1 REAL CAMBUI
Jogou e venceu com: Marcelo, Mi, Cadiko, Carlinhos, Alexandre (Tite). Gols de Alexandre (2) e Carlinhos.
- SOSSEGO B 8 x 3 REAL CAMBUI "B"
Jogou e venceu com: Marcelo, Beto Nania, Claudio Garcia, Fausto e Gilson. Com gols de Gélison (5), Fausto (2) e Beto 1.
- Abaixo calendário dos próximos jogos do Sossego F.C. em Julho/81.
- 03/07 — SAMBRA DE MONTE MOR X SOSSEGO F.C.
- 06/07 — SOSSEGO F.C. X JUVENTUS DE S. BERNARDO
- 10/07 — E.C. REVEL X SOSSEGO F.C.
- 13/07 — SOSSEGO F.C. X E. ASTRAL DO GUANABARA.
- Os interessados em enfrentar o Sossego F.C. após esta data é só ligar para 2.09.97 falar com Alexandre ou na Sede do IAPI com o Mi.



VÔLEI FEMININO: LIMEIRA TAMBÉM CAIU

No voleibol feminino, o resultado de ontem também já era esperado, ou seja, a vitória campineira por dois sets a zero, sem dificuldades. A partida foi contra a cidade de Limeira, e realizada no Ginásio de Esportes do Centro Esportivo, às 13 horas. Os parciais do jogo foram 15-1 e 15-1 para Campinas. Logo no início da partida, já se percebia que a superioridade técnica das campineiras era total. Limeira, por sua vez, mostrava jogadoras que procuravam ser aplicadas tecnicamente, mas totalmente nulas em termos de técnica, com suas atletas realizando várias jogadas até certo ponto ridículas. Assim, o primeiro set terminou rapidamente, com as campineiras fechando em 15-1. Para o segundo, o técnico An-

tonio de Pádua Báfero fez entrar na quadra todas as jogadoras que estavam no banco e o ritmo de jogo das campineiras não diminuiu. Com jogadas bem trabalhadas, facilmente Campinas fechou o set também rapidamente em 15-1, marcando a segunda vitória da equipe, que hoje enfrenta a cidade de Sumaré, considerada como a adversária mais forte para Campinas, mas que também não deverá causar problemas para as campineiras. Ontem, Campinas jogou com: Maria Angélica, Suzi, Pinduca, Maria Angela, Adriana, Adriana Ghermer, Filomena, Meirinha, Sandra e Soraya. Limeira com: Elza, Sandra, Olívia, Eliana, Li, Ana, Rosângela, Lise, Thelma, Mara e Joseane. Técnico: Toninho.

HOJE COMEÇA O CICLISMO

Hoje, será corrida a primeira fase das competições de ciclismo, pelos XII Jogos Regionais da Zona Leste. A primeira prova, será de quilômetro contra o re-

lógio, e terá início às 8,30 horas. A ordem de largada é a seguinte: Santa Barbara D'Oeste, Americana, Sumaré, Campinas, Atibaia, Piracicaba, Lemé Amparo,

Jundiá, Piracungua Mogiguaçu. Cada equipe poderá participar com apenas dois ciclistas, e a prova será desenvolvida em circuito de estrada.